

CAPÍTULO I

A nossa época é essencialmente trágica, por isso recusamo-nos a vivê-la como tragédia. O cataclismo deu-se, estamos rodeados de ruínas, começamos a construir outras maneiras de viver, a alimentar novas pequenas esperanças. É uma tarefa difícil, já não há nenhuma estrada suave em direcção ao futuro: passamos ao lado dos obstáculos, ou saltamos-lhes por cima. Temos de viver para além de todos os céus que desabaram sobre as nossas cabeças.

Esta era, mais ou menos, a posição de Constance Chatterley. A guerra tinha sido como um tecto que lhe caísse em cima, e ela compreendia que seria necessário viver e aprender.

Tinha casado com Clifford Chatterley em 1917, durante o mês de licença que este passara em Inglaterra, mês esse que foi a sua lua-de-mel. Ele regressou à Flandres, de onde voltava seis meses mais tarde, mais ou menos em pedaços. Constance, mulher dele, tinha então vinte e três anos e ele vinte e nove.

O seu apego à vida era maravilhoso. Não morreu, e foi possível tornar a juntar os pedaços. Durante dois anos viveu nas mãos dos médicos, depois foi considerado curado e pôde voltar à vida. Mas metade do seu corpo, da cintura para baixo, estava paralisada para sempre.

Assim, em 1920, Clifford e Constance regressaram a casa, Wragby Hall, a propriedade da família. O pai tinha morrido, Clifford herdara o título de Sir Clifford, e Constance passou a ser então Lady Chatterley. Iniciaram a sua vida em comum numa casa bastante abandonada dos Chatterley, e com um rendimento razoavelmente limitado. Clifford tinha uma irmã, que já falecera, e não havia mais parentes próximos. O irmão mais velho morrera na guerra. Estropiado para o resto da vida, sabendo que não poderia nunca ter filhos, Clifford voltou para a fu-

macenta região dos Midlands para manter vivo, enquanto pudesse, o nome dos Chatterley.

Não se sentia realmente destruído. Podia andar de um lado para o outro na sua cadeira de rodas, e tinha ainda uma outra, com um motor, para se deslocar lentamente no jardim e no parque, de uma subtil melancolia, de que tanto se orgulhava, embora se mostrasse desprendido de tudo.

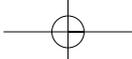
Sofrera tanto que tinha perdido, praticamente, a capacidade de sofrer. Era uma pessoa estranha, viva e cordial, quase alegre, com uma cara rosada e saudável e uns olhos azul-claros e provocantes. Tinha ombros largos e fortes, e umas mãos potentes. Vestia-se muito bem, usava sempre bonitas gravatas de Bond Street. Mas na sua cara era ainda visível o olhar vigilante, a ligeira vagueza de um inválido.

Tinha estado tão perto de perder a vida que o que dela sobrava se tornara extraordinariamente precioso para ele. Isto revelava-se muito bem no brilho ansioso dos seus olhos e no seu orgulho de continuar vivo após tão grande choque. Mas a ferida fora tão grande que qualquer coisa dentro dele morrera, alguns dos seus sentimentos tinham desaparecido. Havia um espaço em branco inanimado.

Constance, sua mulher, tinha um ar de rapariga do campo, corada, com cabelo castanho, um corpo bem constituído, movimentos lentos carregados de uma enorme energia. Tinha uns olhos grandes e espantados e uma voz suave e doce. Parecia uma rapariga da aldeia, mas não era. O pai era o velho Sir Malcolm Reid, um membro em tempos ilustre da Academia Real de Pintura. A mãe fora uma fabiana erudita nos tempos pré-rafaelitas da prosperidade. Constance e sua irmã Hilda tinham sido educadas entre artistas e socialistas cultos e recebido aquilo a que se pode chamar uma educação esteticamente não convencional. Em Paris, Florença e Roma, tinham respirado arte, em Haia e Berlim tinham entrado em contacto com as grandes convenções socialistas, onde se discursava em todas as línguas civilizadas e ninguém se sentia embaraçado.

Assim, desde muito cedo, nenhuma das raparigas se deixava intimidar pela arte ou por ideologias políticas. Constituíam a sua atmosfera habitual. Eram simultaneamente cosmopolitas e provincianas, com aquele provincianismo cosmopolita da arte que acompanha os puros ideais sociais.

Aos quinze anos tinham sido mandadas para Dresden, para estudar música, entre outras coisas, e aí passaram uns tempos muito agradáveis. Viviam livremente entre estudantes, discutiam com os homens fi-



losofia, sociologia e arte, e eram tão boas como eles, ou melhores ainda, pelo facto de serem mulheres. E iam para a floresta com robustos tocadores de guitarra, cantavam canções de Wandervogel, e eram livres. Livres! Essa a grande palavra, num mundo sem restrições, em florestas, à luz da manhã, com rapazes atraentes e com belas vozes, livres de fazerem o que queriam e, acima de tudo, de dizer o que queriam. A possibilidade de falar era de uma importância capital; era um debate apaixonado, no qual o amor não passava de mero acompanhamento.

Ambas tiveram as suas primeiras histórias de amor aos dezoito anos. Os dois rapazes com quem discutiam tão apaixonadamente, com quem cantavam e acampavam debaixo das árvores em completa liberdade, quiseram, é claro, relações amorosas. As raparigas hesitaram, mas era uma coisa de que se falava muito e parecia muito importante. E eles eram humildes e insistentes. Porque era que uma rapariga não se havia de comportar como uma rainha e conceder as suas graças?

E assim se deram, como mulheres, cada uma àquele com quem tinha discussões mais íntimas e subtis. As conversas, as discussões, eram o ponto importante. A relação amorosa e a ligação não passavam de um tipo de retorno ao primitivo e constituíam um anticlímax. Depois, começaram a gostar menos dos rapazes, e quase sentiam um pouco de ódio por eles terem violado a sua intimidade, a sua liberdade interior. Evidentemente que toda a dignidade e significado da vida de uma rapariga provinham da posse de uma liberdade absoluta, perfeita, pura e nobre. Que outro significado poderiam ter, para além da rejeição das velhas e sórdidas ligações e submissões?

E, apesar de toda a possibilidade de sentimentalismos, a parte sexual constitui uma das mais antigas e sórdidas ligações e submissões. Os poetas que a glorificaram eram na grande maioria homens, e as mulheres sempre tinham sabido que havia alguma coisa de melhor e mais elevado. E agora sabiam-no com maior certeza do que nunca. A bela e pura liberdade de uma mulher era infinitamente mais maravilhosa do que o amor-sexo. Infelizmente, os homens estavam muito atrasados em relação às mulheres nesse ponto! Insistiam na parte sexual como cães esfaimados.

E a mulher tinha de acabar por ceder. Um homem era como uma criança com os seus caprichos. Ou a mulher cedea, ou a criança ficava insuportável, e podia destruir e estragar o que podia ser uma relação tão agradável. Mas a mulher podia ceder sem que o seu eu interior, livre, cedesse também, e a este ponto os poetas e os homens que fala-



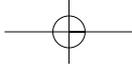
ram sobre o sexo jamais deram suficiente importância. Uma mulher podia estar com um homem sem abandono, podia tê-lo sem que ele a tivesse, sem se submeter ao seu poder, e, mais ainda, podia usar o sexo para exercer o seu poder sobre ele. Bastava retrair-se no acto sexual, e deixá-lo terminar e esgotar-se, sem ela ter a sua crise. E então podia prolongar o acto e permitir o seu orgasmo e a sua crise quando ele já não era mais do que um simples instrumento.

As duas irmãs tinham tido a sua experiência amorosa na altura em que a guerra rebentou, e tiveram de voltar a Inglaterra apressadamente. Nenhuma delas tinha estado verdadeiramente apaixonada, excepto na medida em que verbalmente estavam muito próximos um do outro, na medida em que lhes interessava profundamente falar um com o outro. A grande, espantosa, profunda, inexprimível emoção, residia na discussão apaixonada com um jovem inteligente, hora a hora, analisando dia após dia, e isto durante meses. Ora isso nunca elas tinham imaginado possível até o viverem! A promessa do paraíso: «Terás homens com quem falar!» nunca havia sido formulada. Realizou-se antes de a conhecerem.

E, depois destas vivas e revitalizantes discussões que penetravam no íntimo de cada um, o sexo era mais ou menos inevitável. Acontecia. Assinalava o fim de um capítulo. Tinha uma emoção também, que lhe era peculiar: uma curiosa vibração corporal, um espasmo final de auto-afirmação, como que a última palavra, excitante, muito semelhante à linha de asteriscos que se põe para indicar o fim do parágrafo e uma interrupção no tema.

Quando as raparigas vieram a casa nas férias do verão de 1913 — tinha então Hilda vinte anos e Constance, ou Connie, dezoito —, o pai percebeu logo perfeitamente que ambas conheciam a experiência amorosa.

L'amour avait passé par là, como alguém disse. Mas ele próprio era um homem com experiência e permitia que a vida seguisse o seu rumo normal. Quanto à mãe, nervosa e inválida nos últimos meses de vida, só queria que as raparigas fossem «livres» e se «realisassem». Ela nunca o tinha conseguido, isso fora-lhe negado. Só Deus sabia porquê, sendo ela uma mulher determinada e com um rendimento pessoal. Acusava o marido, mas na realidade era devido a uma velha impressão de autoridade que lhe estava gravada no espírito ou na alma e de que não se conseguia libertar. Sir Malcolm, que permitia à sua mulher, nervosa, hostil e corajosa, que se ocupasse dos seus assuntos como ele se ocupava dos dele, não tinha culpa.



Assim, as duas jovens eram «livres» e voltaram para Dresden e para a sua música, para a universidade e para os rapazes. Amavam-nos, e eles amavam-nas com toda a paixão da atracção mental. Todas as coisas belas que eles pensavam, e diziam, e escreviam, pensavam-nas, diziam-nas, e escreviam-nas, para as raparigas. O jovem de Connie era músico, o de Hilda, técnico. Eles viviam exclusivamente para elas, no que respeitava a espírito e a intelecto. Noutros pontos eram repelidos, embora não o soubessem.

Era óbvio, olhando para eles, que conheciam o amor, isto é, tinham tido a experiência física. É curiosa a subtil mas inequívoca transmutação que ela provoca no corpo quer dos homens quer das mulheres: a mulher floresce, as suas formas ficam mais arredondadas, as formas angulosas atenuam-se, e a expressão torna-se ora ansiosa ora triunfante; o homem torna-se mais calmo, mais interiorizado, e o contorno dos ombros e das nádegas menos acentuado, mais hesitante.

Com a emoção corporal, as duas irmãs quase sucumbiram ao poder estranho do macho. Mas rapidamente se recompuseram, encararam a emoção sexual como uma sensação e continuaram livres. Os homens, gratos às mulheres pela experiência física, deram-lhes um pouco da sua alma. Depois, pareciam por vezes a pessoa que perde dez tostões e encontra cinco. O jovem de Connie tinha mau feitio, e o de Hilda era trocista. Mas os homens são assim! Ingratos e sempre insatisfeitos; se não são aceites, odeiam a mulher por não os aceitar, se o são, odeiam-na por qualquer outra razão, ou nenhuma razão, porque são crianças descontentes e nada os satisfaz por mais que a mulher faça.

Todavia, a guerra rebentou e Connie e Hilda regressaram apressadamente a Inglaterra, depois de também aí terem passado o mês de Maio, quando do funeral da mãe. Antes do Natal de 1914 os dois jovens já estavam mortos, e as irmãs choraram-nos e amaram-nos apaixonadamente; mas no fundo já os tinham esquecido, eles já não existiam.

Viviam então na casa do pai, ou melhor, da mãe, em Kensington. Davam-se com um jovem grupo de Cambridge, que defendia a «liberdade» e as calças, camisas de flanela abertas no pescoço, e uma espécie de anarquia saudável. Tinham uma voz murmurante de quem falava baixo, e eram ultra-sensíveis. Hilda, porém, casou de súbito com um homem dez anos mais velho, dos mais velhos desse grupo de Cambridge, um homem com bastante dinheiro e com um bom cargo oficial, e que também escrevia ensaios filosóficos. Foi viver com ele para uma pequena casa em Westminster, e passou a frequentar aquele tipo de so-

